

EDITORIAL

Bordas, como toda revista, tem uma história. E nesse caso, alcances e impasses de diversa natureza.

Trata-se de um projeto que implica uma pertença múltipla, e toda dificuldade em estabelecer limites restritos. Poderia ser até um contra-cânone e a liberdade de assumir heterodoxias, buscando-se o equilíbrio precário daquilo que pode estar à beira dos sistemas.

Popular ou experimental, acompanhando ou deixando de seguir interferências ou exclusões, pretende transversalizar-se, afastando-se de nichos estagnados. Reunindo, por exemplo retaguardas e vanguardas.

Trata-se de uma prática e do desenvolvimento de uma forma de pensar.

Bordas, um projeto que avança, desde que houve o interesse de fugir da ideia de “belas letras”, para investir numa descoberta editorial e didática, procura desenvolver um inventário de livros e edições populares que, na ECA/USP, resultaram na criação de disciplinas, eventos, publicações, desde a década 80.

As então chamadas periferias urbanas foram ouvidas e assim importava também pensar sobre a cultura de massas e tudo que lhe era próximo ou oposto.

Várias expedições foram feitas para conhecer modos de expressar, pedir, compor, atender aos públicos de perto e de longe, considerando outros modos e práticas de criação, leitura e utilização de tantos meios. Uma espécie de “arqueologia” que poderia parecer bizarra.

Manuais, revistas de modinhas, cartas de amor, livros de sonhos pertencem a uma pedagogia não entendida por uns e acolhida por outros como prática possível de vida. Cinema, música, universos pop, inserções

radiofônicas, situações narrativas, tudo passou a fazer parte desse grande texto/universo que chamei Bordas.

A revista que apresentamos é memória, e ao mesmo tempo projeta-se e inclui contribuições diversas, mantendo viva uma proposta que visa a destruir a noção dicotômica centro/periferia, e que inclui as nossas e as experiências de outras culturas. Pensamos, por isso, em dirigir os próximos números para a ideia de Transbordas.

Este número passa por caminhos de ensaio/reflexão/entrevistas, anunciando sequência de pesquisadores que atuam do almanaque às ciências populares, da música e do *comics*, do cinema da Boca do Lixo, às empreitadas que viabilizam memórias da Educação e da Cultura, no âmbito de certo tempo/espço.

Jerusa Pires Ferreira

Novembro/2016